

Este é um dos capítulos do livro

SEMENTES

por David W. Dyer

PUBLICAÇÃO: MINISTÉRIO GRÃO DE TRIGO

Para ler o restante do livro ou receber exemplares desse livro sem custo, visite nosso website: www.graodetrigo.com

Email do autor: davidwdyer@yahoo.com

“As palavras dos sábios são como agulhões, a coleção dos seus ditos como pregos bem fixados, provenientes do único Pastor...” Ec 12:11

O SACERDÓCIO (Capítulo 6 do livro SEMENTES)

Quando, no século XVI, Martinho Lutero pregou suas 95 teses na porta daquele templo, acabava de iniciar o movimento que hoje conhecemos por “a Reforma”. Sua intenção foi de expor os erros da Igreja Católica para trazê-la de volta a Deus. Naqueles dias, grande parte da revelação divina havia sido perdida. Muitos aspectos elementares da vida espiritual, tais como a salvação pela fé – hoje considerados certos e indiscutíveis – eram então desconhecidos. Deus, naquela época, usou Lutero para mostrar que o cristianismo seguia por um caminho errado, contrário à Sua vontade. No entanto, muitos enganos e desvios do cristianismo não chegaram a ser notados por esse irmão.

Então, à medida que passaram os séculos, Deus continuou a revelar outras verdades esquecidas, tais como, o uso e função dos dons espirituais e o verdadeiro significado da adoração e da santificação. O que se pode notar é que, desde o tempo de Lutero, tem havido um contínuo aumento das revelações divi-nas para o Seu povo.

Mas essa evolução ainda não terminou e prosseguirá até que Cristo venha em Sua glória. Por essa razão, devemos estar sempre prontos para receber a orientação de Deus e agir de acordo com o que Ele atualmente estiver nos revelando, hoje.

Esta mensagem faz parte do que, segundo penso, Deus deseja restaurar nestes dias. Em verdade, não chega a ser algo “novo.” Tampouco é minha própria e independente revelação. São aspectos da vontade de Deus compreendidos por muitos cristãos sinceros por pelo menos um século. Não obstante, como veremos, as tendências naturais do homem tornam tais verdades difíceis de praticar e preservar.

Desde o princípio, os desejos de Deus para o homem são os mesmos. Ele anseia continuamente andar conosco em intimidade e doce comunhão. Era esse o Seu propósito ao criar Adão e ao chamar para Si os filhos de Israel e, por certo, é o Seu desígnio hoje em relação à Igreja. Esse desejo amoroso tem em mira não só o “corpo de Cristo” como um todo, mas também cada um de nós individualmente. A intenção de Deus é estabelecer conosco um relacionamento íntimo, o qual transformará nossa natureza e caráter para serem como os Seus.

No início, Deus trabalhou apenas com indivíduos, como Noé, Sete e Enoque. Posteriormente é nos apresentada a ideia de “povo de Deus”, ao lermos a respeito de Moisés e dos israelitas no deserto. Mas mesmo naquela época Ele não buscava apenas uma multidão de adeptos religiosos. Ao contrário, o que desejava ardentemente era um relacionamento pessoal e íntimo com cada um.

Já no começo, cerca de três meses após a saída do Egito, Deus falou a Moisés com relação aos israelitas. Revelou Sua intenção original e mais sublime para com eles. Disse Ele: “...vós me sereis reino de sacerdotes...” (Ex 19:6).

Essa declaração demonstra o tipo de relacionamento que Deus pretende ter com cada um de nós. Ele planejou uma intimidade que os qualificaria a estarem em pé em Sua presença e a desempenharem as funções sacerdotais. Entre elas, incluía-se o ministrar a Ele em adoração e intercessão e, a seguir, ministrar a outras pessoas, a partir do que fluísse de Sua presença durante aqueles momentos.

Seu plano não era simplesmente que aprendessem algumas informações a Seu respeito e, depois, se envolvessem periodicamente com algumas atividades religiosas. Nosso Deus desejava intensamente que Seu povo O conhecesse e se relacionasse com Ele pessoal e intimamente.

Entretanto, é claro que os filhos de Israel fracassaram, não entrando nesse relacionamento com Deus. Quando Ele começou a aproximar-Se e a revelar-lhes Sua santidade no monte Sinai, afastaram-se Dele e transferiram a incumbência a um único homem. Eles disseram a Moisés: “Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Ex 20:19). “...O povo estava de longe em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura, onde Deus estava” (v. 21).

O coração daquelas pessoas não estava correto para com Deus, e, por isso, quando Ele passou a falar-lhes, não puderam suportar. Exatamente naquele instante, abandonaram o nobre chamamento que Deus lhes fizera a ser sacerdotes Dele e ficaram satisfeitos em deixar que outro indivíduo se relacionasse com Deus em seu favor.

Em vez de se arrependem, depois de ouvirem as palavras sobre a justiça divina, e de permitirem que Deus os limpasse, decidiram aumentar ainda mais a distância entre eles e Deus. Eles acabaram colocando um mediador que ar-casse com toda a responsabilidade de intimidade com Deus em seu benefício.

Esse afastamento do ideal divino logo produziu seus frutos. Enquanto Moisés gastava tempo na presença de Deus, o povo foi seduzido pelas próprias paixões. O relacionamento pessoal

com o Criador era tão limitado, que logo estavam duvidando de Sua existência e de Sua capacidade para cumprir promessas feitas.

A solução encontrada foi criar, para eles mesmos, um deus impessoal, profano e de fácil manipulação – um deus que não os amedrontasse e cuja presença não exigisse uma santidade que não conseguiam praticar. A essa ponto, Deus os abandonou quase totalmente e tornaram-se inaptos para andar de acordo com a Sua intenção original (Ex 32:9-10).

É provável que, por não haver o coração do povo em geral correspondido à Sua vontade, tenha Ele designado um grupo especial de sacerdotes. Talvez a tribo de Levi tenha sido escolhida porque estava pronta para ouvi-Lo, ao menos até certo ponto, bem como para executar Seus julgamentos (Ex 32:28).

Vemos, portanto, que com a ordenação de um sacerdócio especial, para se aproximar de Deus no lugar do povo, a maioria da assembléia perdeu o privilégio de se tornar aquilo que seu Criador desejava que fosse. O sacerdócio levítico transformou-se numa espécie de obstáculo ou barreira, destinado a fazer Deus parecer mais remoto, de modo que os outros se sentissem mais à vontade.

Um evento semelhante é encontrada no livro de 1 Samuel, quando Deus permitiu ao povo ter um rei. Os filhos de Israel nunca haviam tido um rei até então. O pensamento de Deus era que fossem únicos entre os povos da terra: um povo governado exclusivamente pelo Deus poderoso e invisível.

Eles, contudo, rebelaram-se contra tal proposta. Para se adaptarem a essa forma de governo que Deus desejava, era necessário que cada um deles mantivesse um relacionamento pessoal com Ele. Isso não era fácil, principalmente para o homem natural. Portanto, aquelas pessoas mais uma vez rejeitaram os objetivos divinos e insistiram em ter um rei terreno. Ansiavam por um líder palpável, um ser humano que pudessem enxergar; alguém que assumisse a responsabilidade de guiá-los; alguém que se colocasse entre eles e Deus.

Samuel foi totalmente contrário a essa outra proposta. Mas Deus o confortou, dizendo: “Não te rejeitou a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre ele” (1 Sm 8:7).

Esse episódio nos traz para a situação de hoje. Não é de se espantar que haja grandes semelhanças entre os cristãos e o povo de Deus do Velho Testamento. A história da Igreja informa que, logo após a partida dos apóstolos, os líderes das igrejas começaram a obter um destaque cada vez maior. Bispos passaram a estender sua autoridade para além de uma cidade, por fim “cobrindo” regiões inteiras. Mais e mais ênfase foi colocada em posições religiosas e sobre a necessidade de submissão àqueles que as ocupavam.

Essa tendência continuou através dos séculos até atingir seu apogeu com o aparecimento de chefes supremos, “infalíveis”. Pouco depois, as Escrituras foram completamente arrancadas das mãos das pessoas e essa inclinação por um intermediário, sobre a qual estamos comentando, chegou à sua expressão mais intensa. Tal resultado não deveria nos surpreender. É a tendência natural do homem. A menos que não nos esforcemos juntos contra essa tendência, é natural que todos os movimentos cristãos se deixem levar para essa direção.

Atualmente, embora o protestantismo tenha feito algum progresso, libertando-se da escravidão das trevas e da idolatria encontradas no sistema do qual saiu, infelizmente ainda conserva alguns de seus erros.

Apesar das Escrituras ensinarem o sacerdócio de todos os cristãos (1 Pe 2:5,9), a maior parte do moderno cristianismo o nega na prática. O que vemos em grande parte hoje nas igrejas é o ministério de apenas um ou, quem sabe, de uns poucos indivíduos escolhidos, ao passo que a maioria permanece como passiva observadora.

Compreende-se perfeitamente o fato de geralmente não rotularem de “o sacerdote” a condição reinante entre os grupos cristãos. Seria um termo manifestamente anti-bíblico. Em substituição, temos outros títulos, tais como os de “pastor”, “reverendo,” “apóstolo” etc.

Contudo, a função dessas pessoas é, normalmente, quase igual ao serviço desempenhado pelo sacerdote levita. São eles que “ouvem de Deus”, transmitem a maior parte dos ensinamentos e do aconselhamento, cuidam da organização etc. É lamentável, mas a verdade é que em muitos casos o “pastor” é obrigado a fazer quase tudo.

Já que essa é a situação predominante nos grupos cristãos hoje em dia e, ao que parece, universalmente aceita, muitos, talvez, perguntarão o que haveria de errado em tudo isso. Para chegarmos à resposta, devemos, primeiramente, abandonar nosso gosto e concepções pessoais e ter uma reverência genuína pelos interesses e objetivos divinos. Se o homem fosse a única parte em jogo nessa situação, nossa discussão não precisaria ser levada tão a sério. Olha, acontece que estamos aqui procurando entender e satisfazer as exigências de Deus e, por essa razão, devemos abordar o assunto com reverência e temor. Mas isso não é tudo. Deveria estar patente para nós que Suas intenções visam, também, o nosso próprio bem. Em verdade, quanto mais enxergarmos a vontade de Deus, mais perceberemos que Suas diretrizes e exigências não objetivam apenas Sua própria conveniência, mas destinam-se, igualmente, ao nosso eterno benefício.

O plano de Deus para a Igreja é duplo. Primeiro, Ele nos instruiu a levar as boas novas até os confins da terra. Em segundo lugar, quer que sejamos transformados à Sua imagem. Pois bem, se formos cumprir essas instruções total e eficazmente para atingir tais objetivos, precisaremos antes ser pessoas íntimas de Deus!

Cada um de nós tem que entrar num relacionamento próximo e pessoal com o Criador e preservá-lo. Todos fomos convocados para ser sacerdotes. Desse relacionamento, então, brotará o ministério sacerdotal em nós, permitindo que os desígnios de Deus sejam atingidos. Jamais deveríamos depender de líderes ou de indivíduos dotados para darem conta de tudo. Não deveríamos apoiar-nos em organizações humanas, nem em animadas campanhas. Todos nós arcamos com uma parte dessa responsabilidade. A verdade é que se não estivermos ativamente engajados no trabalho de servir aos outros, quer pela pregação do evangelho, quer pelo exercício de nossos talentos espirituais, já caímos no erro.

Deus espera que cada um de Seu povo esteja empenhado em Seu trabalho. Somos todos “ministros” e todos fomos chamados e ordenados por Ele para realizar um trabalho do serviço sacerdotal até a Sua volta (Jo 15:16).

Quando Jesus Cristo ascendeu ao Pai, deu dons à Sua Igreja. Esses talentos ou dons espirituais não foram só a uns poucos escolhidos, mas a todos (1 Co 12:7). Cada função e cada parte é vital, à semelhança do que acontece com nossos diferentes órgãos e membros do corpo físico. Quando uma parte aparentemente pequena ou insignificante não está funcionando normalmente, todo o resto sofre. Dá-se o mesmo com a Igreja hoje.

Quando todo o trabalho é feito pelos superdotados, talentosos ou treinados, existe uma grande perda para o corpo de Cristo e para Deus. Deveríamos nos interessar seriamente por essa verdade. Pouco importa o que você pensa de si mesmo ou de suas habilidades espirituais. Também não têm importância as diferenças existentes entre você e os demais. Mesmo aqueles que possuem um só talento são e serão solicitados por Deus a usá-lo ao máximo (Mt 25:14-30).

Se nos acovardarmos, comparando-nos com outros, ou se ficarmos temerosos e não fizermos nada, teremos de prestar contas um dia ao nosso Criador. Temos, é certo, o privilégio, mas também a séria responsabilidade de descobrir diante de Deus a que trabalho Ele nos chamou a realizar, para então começar a aprender pelo Espírito Santo a nos exercitar na função que nos foi confiada.

Sem esse tipo de ministério não cresceremos adequadamente. Sim, talvez obtenhamos algum progresso principalmente no início mas, para que de fato atinjamos a maturidade, nós mesmos precisamos começar a ministrar. À medida que dermos, mais nos será dado. Trata-se de uma lei espiritual.

Se somos meros recebedores – semana após semana escutando de outros que, é esperado, gastaram seu tempo na presença de Deus – nosso conhecimento provavelmente aumentará, mas nossas vidas não serão mudadas. Essa é a infeliz condição de muitos e muitos na Igreja de hoje. Temos nossos “super astros,” talvez famosos e ocupados dia e noite, mas temos igualmente a “maioria passiva” a depender de outros para a realização do trabalho.

As consequências danosas desse fenômeno às vezes não estão evidentes à primeira vista, principalmente numa organização “bem lubrificada”; contudo, elas estão ali ocultas. Inúmeras reuniões cristãs estão repletas de bebês espirituais super alimentados que permanecem inativos. Eles vêm semanalmente para receber e imaginam que, porque ouvem uma boa mensagem, estão bem com Deus. Não raras vezes, entretanto, tais indivíduos ainda possuem pecados escondidos e sérios desvios de caráter.

Ao procurarmos servir aos outros, essas falhas ficam expostas. Quando começamos a ministrar, percebemos o quanto nossas vidas precisam de transformação e isso nos estimula a buscar o Senhor para nos libertar. Se desejamos verdadeiramente avançar em direção à maturidade, é essencial que todos nos tornemos sacerdotes: sacerdotes que estejam exercendo suas funções na casa de Deus.

O ministério espiritual não tem como finalidade apenas o nosso crescimento, mas também o progresso dos demais. Não importa quais sejam as suas funções espirituais no corpo, existem sempre pessoas que precisam do que você tem. Quer seja uma pequena ou grande porção, é absolutamente indispensável. Em algum lugar, entre os cristãos que você conhece ou no mundo à sua volta, existem pessoas para as quais sua porção é muito importante.

Por exemplo, os cristãos com quem você se relaciona podem estar buscando aquela porção específica de discernimento espiritual que você possui. É possível que muitos que você conhece estejam sofrendo porque você não reservou um tempo para orar por libertação, nem buscou uma palavra de Deus para encorajar ou admoestá-los, nem deu atenção às suas necessidades. É sempre mais fácil criticar ou fazer fofocas, do que orar ou auxiliar.

Sua porção é certamente essencial para o crescimento e bem-estar espiritual dos outros. Deus a entregou a você por causa deles, sendo, portanto, importante exercitá-la. Em Sua sabedoria, nosso Pai construiu a Igreja de tal sorte que cada membro depende dos demais. Assim sendo, para que “todos cheguemos” à maturidade (Ef 4:13), a colaboração de cada parte é indispensável.

MAS, QUAL É O PAPEL DOS “LÍDERES”?

A esta altura, alguém perguntaria: “Qual é o papel dos líderes?” Sem dúvida a liderança tem base nos ensinamentos bíblicos e é necessária para uma condição saudável da igreja. Muitas vezes, entretanto, é também mal compreendida.

O papel do líder é liderar. Isso não significa dominar ou controlar os outros, mas sim tomar a dianteira e avançar! Os demais irão notá-lo e segui-lo. As palavras “presidir” e “guias” encontradas em 1 Timóteo 5:17 e Hebreus 13:7,17 e 24, da tradução de Almeida, talvez tenham sido a fonte de muitos mal-entendidos. Estas palavras vêm do grego PROESTEMI e deveriam ser traduzidas como “andar em frente” ou “prece-der”. Isso não tem nada a ver com “controlar” ou “organizar”.

A função de um verdadeiro líder não é o de dirigir a igreja, mas sim o de auxiliar os outros a cumprirem o seu minis-tério, crescendo em tudo o que Deus lhes preparou. Tais líderes são facilmente reconhecíveis, pois sempre terão como prioridade os interesses e o progresso espiritual dos outros.

Infelizmente, a tendência humana é outra. O anseio por estrelismo, destaque, fama, poder, etc., é, não somente permitido, mas considerado bom na igreja de hoje. Muitos estão impelidos, por ambição própria ou pelos outros, a buscar posições de autoridade sobre os outros e a liderança. Mas tudo isso é proibido por nosso Mestre Jesus.

Ele disse: “Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22:25-26).

Os “líderes” que estão apenas alimentando a si mesmos (edificando seu próprio ministério, forrando seu próprio ninho financeiro etc.) e, como consequência, mantendo passivos aqueles que estão sob seus cuidados, enfrentarão o julgamento divino. Os que se exaltam e impedem o progresso dos demais, objetivando a sua própria posição, segurança e autoridade, enfrentarão juízo ainda mais severo. Quem abusou de seus conserto vai ser castigado com muitos açoites (Mt 24:49-51).

A verdadeira liderança sempre é, na realidade, algo que Deus faz. É somente Ele movendo por meio de Seu povo que providencia liderança real que beneficia Seu povo. Se a obra de quem

está “liderando” é um resultado apenas de instrução teológica, de designação para um cargo ou de ambição pessoal, por certo se constituirá num obstáculo para o progresso espiritual.

A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA HUMANA

A organização religiosa e rígida também é um empecilho para o cumprimento dos desejos de Deus. Quando uma pessoa ou até algumas pessoas estão dando conta de todas as tarefas – e por consequência disso, mantendo todas as outras inativas – isso resulta em imaturidade espiritual.

Muitas vezes, uma organização religiosa abafa o desenvolvimento dos ministérios dos membros dela. Se a obra que Deus chamou você não encaixa bem na organização do qual você pertence, vai precisar servir os outros fora desta restrição.

Talvez você esteja se reunindo com um grupo de cristãos onde não existe qualquer encorajamento ou oportunidade para que você cresça em sua função. É provável que nesse grupo a experiência seja a de ter “um homem em evidência” ou de ter tudo tão organizado sem a orientação do Espírito que o funcionamento de cada membro não está em evidência. O seu talento pode estar sendo negligenciado, mal utilizado, ridicularizado ou até desencorajado. Nada disso, contudo, poderá servir de desculpa à passividade. Quando você estiver diante do Rei, já não haverá ninguém mais para levar a culpa pelo descumprimento de suas funções sacerdotais.

Não deve esperar até um grupo reconhecer seus dons e liberar um espaço para você. Não pode depender de outros homens para dar uma abertura ou “força” para você começar a servir. Fica você incumbido em seguir a liderança do seu Mestre. Comece onde Ele abre as portas e continue seguindo Seu Espírito. É essencial aprender a não depender dos homens mas saber seguir Jesus. Nosso serviço no corpo Dele tem que ser liderado por Ele também. Em Seu plano, a programação humana é substituída por ministérios espirituais, levantados por Ele em nosso meio. Planos futuros decorrem de Sua orientação e a autoridade organizacional ou posicional é substituída pela verdadeira autoridade Dele, que é espiritual.

A tarefa à mão não consiste em desenvolver grandes ministérios “bem sucedidos” ou ter pessoas comparecendo às centenas. Tudo isso pode ser alcançado sem que a vontade de Deus tenha jamais sido atendida. Nosso papel é, na simplicidade, obedecer a Jesus. Vamos colocar de lado toda ambição, desejo por reconhecimento e fama. Vamos abandonar qualquer cheiro de ego humano e auto-serviço.

Vamos nos humilhar, como Jesus fez, e nos vestir com a toalha. Vamos começar lavando os pés daqueles ao nosso redor que precisa do que Deus tem nos dado. Nossa recompensa não será aqui, nesse mundo. Não será que as multidões vão nos apreciar. Servir Jesus por meio de servir o corpo Dele, significa que vamos nos tornar escravos, servindo em obediência sem motivo próprio.

Considerando que Deus o preparou e chamou, Ele também irá prover uma forma de você começar a servir. Por exemplo, você poderá orar em qualquer lugar, a toda hora. Você pode proporcionar ajuda material sem precisar de uma permissão “oficial” de alguém. Pode ensinar e aconselhar. Quando você realmente começar a agir na função para a qual Deus o designou, as portas se abrirão diante de você e as pessoas reconhecerão a mão divina em sua vida.

Provavelmente tudo começará aos poucos e poderá até parecer pequeno e insignificante (Zc 4:10). Todavia, à medida que você exercitar os talentos que Deus lhe deu, fiel e diligentemente, estes crescerão e você igualmente crescerá.

Não fique surpreso se, com o passar de tempo, você encontra oposição. Se o que está fazendo é de Deus, isso vai acontecer. Quando Deus começa a usar você, o inimigo vai tentar lhe derrubar. Usando outras pessoas que se sentem ameaçadas, enciumadas ou competitivas, o diabo, com certeza, vai levantar dificuldades e barreiras tentando lhe desanimar.

Isso é normal. Faz parte de ser um servo do Altíssimo. Mas, se somos servos fiéis, precisamos continuar em fé, não desanimando por causa de outros homens, e cumprir a obra que Deus nos concedeu. É a Ele que vamos prestar contas naquele Dia.

A vontade de Deus é que sejamos, para Ele, reino de sacerdotes. Somos todos Seus profetas (Ap 1:5-6 e 1 Co 14:1,31). Cada um de nós possui um ministério para ser desempenhado e serviços espirituais para realizar, os quais ninguém mais conseguirá levar a cabo da mesma forma que nós o faríamos.

Quando aparecermos perante Ele, teremos de prestar contas de nossas obras (Ap 2:23). Naquele dia, aquilo que realizamos testificará a nossa verdadeira condição espiritual. Não poderemos dizer que não conhecíamos as necessidades ou que não estávamos qualificados. Não poderemos culpar outros por não nos “deixar” exercitar nosso serviço em um determinado lugar ou ambiente.

Lembre-se que foi Deus que chamou você. É Ele que abre as portas que ninguém fecha (Ap 3:7). O mesmo Deus que operou poderosamente nos apóstolos e profetas vive também em cada um dos Seus filhos. Ele é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos se apenas O obedecermos.

Precisamos encarar essas considerações com seriedade. Devemos analisar nossas próprias vidas e ver se somos trabalhadores realmente ativos para o nosso Rei ou se somente somos passivos observadores. Teríamos acaso estabelecido uma distância “segura” entre nós e Deus e deixado que outros assumissem a responsabilidade em nosso lugar? Será que nos retraímos em decorrência do medo ou da incapacidade humana e permitimos que outros realizassem o trabalho?

Em caso positivo, paremos por um momento e arrependamo-nos diante Dele. Entreguemos novamente toda a nossa vida a Deus. Digamos-Lhe que, de agora em diante, estamos totalmente dispostos a nos tornar um vaso para o Seu serviço. Depois disso, à medida que Ele nos dirigir, cooperemos com Ele diligentemente em Sua vinha. Todos nós somos chamados para ser sacerdotes.

Este livro esta disponível por completo gratuitamente no nosso site:

www.graodetrigo.com

OUTROS LIVROS DO MESMO AUTOR:

VENHA O TEU REINO

AUTORIDADE ESPIRITUAL GENUÍNA

DE GLÓRIA EM GLÓRIA

SEMENTES

ARREPENDIMENTO PARA A VIDA

O EVANGELHO ENCOBERTO

DEIXE O MEU POVO IR!

BABILÔNIA

ANTICRISTO

SINAIS DO FIM

Todos os livros deste ministério estão disponíveis, sem custo, através de nosso website: www.graodetrigo.com

Você tem duas opções para obter estes livros:

Pode pedir online sem custo e vai chegar em sua casa pelos correios;

Pode ler online ou baixar nos formatos PDF, ePub, ou Kindle (grátis);

CONTATO:

David W. Dyer

email: davidwdyer@yahoo.com

(Atendimento em Inglês e em Português)

Visite nosso website (www.graodetrigo.com)

para ler outros escritos do mesmo autor.